

Primavera Árabe

Em dezembro de 2010, um jovem tunisiano ateou fogo ao próprio corpo em praça pública para protestar contra as condições de vida no país em que vivia.

Provavelmente, o rapaz não imaginava que, com seu sacrifício, estaria desencadeando o que se pode definir como uma onda de rebeliões populares que se espalhou por vários países árabes. O movimento culminou com a queda de diversos governos e ficou conhecido como a Primavera Árabe (uma referência à Primavera de Praga, quando movimentos populares tchecoslovacos tentaram tirar o país da esfera de influência da URSS e do Partido Comunista tcheco, em maio de 1968).

1. Líbia: Muammar Kadafi governou por mais de 40 anos. Em 2011, os protestos geraram uma violenta guerra civil que somente foi decidida contra o governante pela intervenção direta das tropas da Otan. Mesmo assim, seu governo resistiu por seis meses, até que Kadafi fosse destituído, capturado e executado por rebeldes.

2. Tunísia: os protestos levaram à rápida queda do presidente Ben Ali em 2011. Ele estava no poder desde 1987.

3. Jordânia: o fim de subsídios do governo aos combustíveis como exigência do FMI gerou uma série de protestos em 2012, inclusive contra o rei Abdullah II, que flexibilizou a política de consultas e eleições parlamentares.

4. Síria: o governo de Bashar al-Assad, que comanda o país desde o ano 2000, apesar da crescente perda de poder, continuava, até meados de 2015, resistindo após diversas ondas de protestos e atuação militar de milícias armadas.

5. Argélia: protestos em 2011 levaram o presidente Abdelaziz Bouteflika a buscar reverter o estado de emergência que vigorava no país há 19 anos bem como a fazer uma série de concessões, embora de pouco impacto efetivo para a população.

6. Iêmen: os protestos populares caminhavam para uma guerra civil, quando o ditador Ali Abdullah Saleh negociou a realização de eleições. Em novembro de 2011, ele deixou o poder, após 33 anos.

7. Marrocos: o rei Mohammed VI concordou com algumas mudanças políticas após protestos em 2011. Contudo, na prática, nenhuma delas foi efetivamente observada ainda no país.

8. Iraque: inspirados pelas movimentações na Tunísia e no Egito, ocorreram protestos contra a corrupção, a falta de emprego e por maior participação política. Apesar de falar que não assumiria novo mandato, o primeiro-ministro recuou, mas renunciou posteriormente com os avanços da ocupação do Estado Islâmico no noroeste do país.

9. Egito: vivia a ditadura pró-ocidental de Hosni Mubarak (que assumiu o poder 30 anos antes, após o assassinato de Anwar Sadat, em 1981). Os maciços protestos populares em 2011 ocorridos na Praça Tahrir, no Cairo, colaboraram para sua queda. O presidente eleito em 2012 sofreu um golpe militar e, em 2014, foi eleito Abdel Fattah el-Sissi, um dos líderes do golpe.

10. Arábia Saudita e Bahrin: os protestos da Primavera Árabe na Arábia Saudita foram duramente reprimidos pelas forças armadas. No Bahrin, o rei – um sunita que governa pela força um país de maioria xita – chegou a pedir ajuda militar à Arábia Saudita para conter os protestos. As monarquias da Arábia Saudita e do Bahrin até o momento não foram derrubadas.



Apesar de não ter sido homogênea e ter tomado rumos específicos e desdobramentos peculiares em cada país, a Primavera Árabe apresentou as seguintes características:

- o uso das redes sociais como forma de organizar as mobilizações populares;
- as reivindicações por democracia e liberdade, em oposição aos regimes autoritários;
- a busca por melhores condições de inclusão social das camadas mais pobres existentes em cada país.



Manifestante na Primavera Árabe exalta o uso das redes sociais como forma de mobilização – Cairo, Egito, 2011

Interpretar corretamente o jogo de interesses que envolveu os eventos da Primavera Árabe, no entanto, exige cuidados. O principal deles consiste em identificar se os países onde ocorriam os protestos apresentavam governos alinhados ou não aos interesses de outras nações na região.

Dessa forma, não é fácil perceber com segurança onde ocorreram movimentos populares espontâneos, de caráter revolucionário, e onde facções rivais foram insufladas e armadas para derrubar governos atendendo a interesses externos. Nesse último caso, destaca-se a influência da imprensa sobre a população, bem como o apoio explícito de milícias nas ações armadas.

A Primavera Árabe e a Síria

A Primavera Árabe na Síria causou profundas mudanças na organização política, social e territorial do país. O governo do presidente Bashar al-Assad enfrenta as diversas facções que disputam o poder. Algumas delas estão unidas; algumas se opõem e lutam umas com as outras por controle político e territorial, como é o caso do Estado Islâmico (que será estudado a seguir).

A população das regiões ocupadas por essas facções é submetida a leis fundamentalistas islâmicas. Consequentemente, o governo sírio acaba perdendo o controle legal e político da região. A expansão e a ocupação territorial dessas facções são muito dinâmicas e o conflito parece estar longe de chegar a um fim.

Um dos diversos resultados desses episódios é o grande número de refugiados sírios que, além de abandonarem sua pátria, têm passado por difíceis condições de sobrevivência.



Refugiados sírios chegando de bote a Molyvos – Grécia, via Turquia, em setembro de 2015

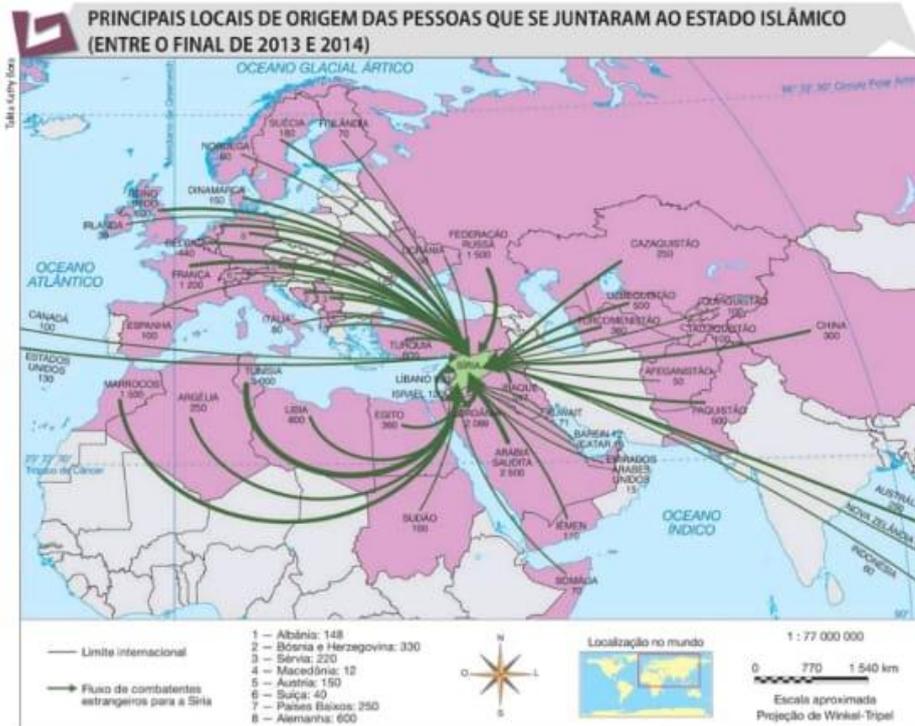
Estado Islâmico

O grupo Estado Islâmico (EI), também conhecido como Isis (sigla em inglês para Estado Islâmico do Iraque e Al-Sham), surgiu como uma dissidência da Al Qaeda, no Iraque, em outubro de 2004. Nos últimos anos, tornou-se um grande desafio para os que buscam soluções para o complexo cenário geopolítico do Oriente Médio. É formado por sunitas, os quais correspondem à maior corrente do islamismo.

Ao contrário da Al Qaeda, que, como você já verificou, atua em células infiltradas em diversos países, o EI optou por uma luta territorial tradicional: seus milicianos foram conquistando cidades inicialmente no norte do Iraque e, depois, na Síria – territórios devastados pelas guerras em curso em ambos os países. Dessa forma, em junho de 2014, estabeleceram um **califado**, com o objetivo de implantar a Sharia (lei islâmica). Além disso, não reconhecem as nações do Oriente Médio, pois afirmam que elas foram consolidadas com base em interesses ocidentais.

califado: trata-se de um Estado teocrático governado por um califa. Este, por sua vez, é considerado sucessor de Maomé, sendo uma espécie de chefe supremo político e espiritual.

Contando com cada vez mais seguidores, inclusive com a adesão de jovens ocidentais, o EI se fortaleceu militarmente tomando posse de armamentos utilizados nas guerras da Síria e do Iraque e financeiramente vendendo petróleo no mercado negro (os territórios que ocupa, na região onde estão os curdos, são muito ricos nesse recurso), além de outras fontes das quais não se tem certeza da origem. Observe o mapa a seguir.



Seu projeto geopolítico é expansionista e ambicioso. O grupo já conta com ramificações na Líbia (outro país devastado por uma das guerras decorrentes da Primavera Árabe), na **Nigéria** e em outros países islâmicos. Na Síria e no Iraque, em meados de 2015, eles controlavam cidades muito importantes e avançavam rumo às respectivas capitais – Damasco e Bagdá.

Entre as ações fundamentalistas do EI estão a execução das pessoas que se recusam a adotar as premissas religiosas do grupo, a tortura e a morte de prisioneiros, especialmente os de países considerados inimigos, e a destruição de monumentos e relíquias arqueológicas que remontem a civilizações mais antigas nos territórios ocupados. O grupo ainda faz grande uso da internet para divulgar decapitações, assassinatos e ataques em locais por eles considerados profanos.

A **Nigéria** é o país mais populoso da África e representa uma das maiores economias do continente, sendo muito rico em petróleo, por exemplo (é o principal exportador e tem a maior reserva de gás natural do continente). Nesse país, atua um grupo terrorista popularmente conhecido como Boko Haram (denominação popular pela mídia ocidental e na própria Nigéria que significa "educação ocidental proibida"), mas que se autodeclara como Jama'atu Ahl al-Sunnah li-Da'awati wal-Jihad (que significa "Grupo dos Sunitas para o Chamado ao Jihad"). Sua origem é islâmica e seu objetivo é a derrubada do governo nigeriano e a instalação da lei islâmica (Sharia). Promoveu uma série de atentados em 2010 e 2011, mas o que mais repercutiu ocorreu em 2014, quando o grupo sequestrou 276 alunas de uma escola.

O norte e o nordeste da Nigéria são as regiões que mais sofrem influência do Boko Haram, o qual, no início de 2015, fez uma aliança com o Estado Islâmico, formando a Província da África Ocidental do Estado Islâmico.

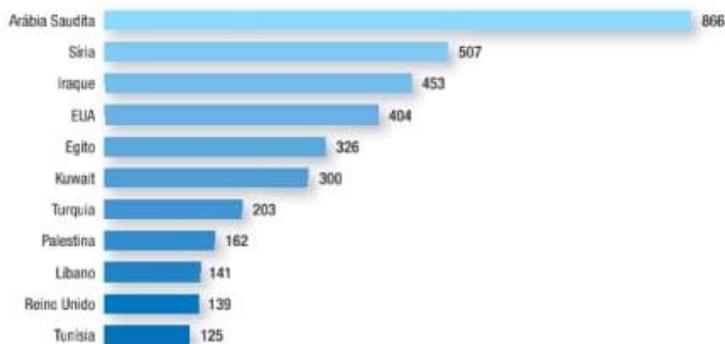


Refinando o olhar

Observe o gráfico a seguir, que apresenta os países de origem da maior quantidade de tuítes (pequenas mensagens via rede social) em apoio às ações do Estado Islâmico entre outubro e novembro de 2014.



Origem dos tuítes de apoio ao Estado Islâmico (outubro e novembro de 2014)



Fonte: BERGER, J. M.; MORGAN, Jonathon. *The ISIS Twitter Census: Defining and describing the population of ISIS supporters on Twitter*. The Brookings Project on U.S. Relations with the Islamic World. n. 20, mar. 2015. p. 12.

Compare as informações obtidas com base na observação do gráfico e do mapa dos países de origem de pessoas que se juntaram ao Estado Islâmico. Em seguida, analise coincidências e outros fatores que estão associados às não correspondências.

Cáucaso e Ucrânia

Com o fim da URSS, havia, nas repúblicas recém-independentes, minorias russas que se opunham à independência e representavam uma grande possibilidade de conflito. Atualmente, existem diversos conflitos separatistas no **Cáucaso** e na Rússia, cuja divisão administrativa é complexa e envolve várias categorias que, na prática, lhes conferem autonomia distinta, embora igual representatividade. Entre esses conflitos, merece destaque o da Chechênia (observe-a destacada no mapa da página seguinte).

A região do **Cáucaso** abrange ainda o sul da Rússia, onde se localiza a Chechênia.



Fontes: LIBRARY OF CONGRESS. Russia: administrative regions. Disponível em: <<http://www.loc.gov/resource/g7061f.ct003111/>>. Acesso em: 17 ago. 2015; GAZETA RUSSA. A complexidade do território russo. Disponível em: <http://gazerarussa.com.br/sociedade/2013/12/19/a-complexidade_da_divisao_do_territorio_russo_23431.html>. Acesso em: 17 ago. 2015. Adaptação.

Chechênia

Aproximadamente dois terços da população da Chechênia têm origem chechena (etnia basicamente composta de muçulmanos), sendo o restante de origem russa. A relativa paz na região durante o período de existência da União Soviética permaneceu até as medidas *glasnost* e *perestroika*, as quais colaboraram para o desenvolvimento de movimentos separatistas.

Com a intenção de criar um Estado islâmico, os chechenos haviam declarado sua independência em 1991, quando a URSS estava se desintegrando. No entanto, não conseguiram formalizá-la, como ocorreu com **15 repúblicas que se formaram**.

Em 1994, Boris Yeltsin, então presidente russo, ordenou a invasão da região separatista da Chechênia. Leia, a seguir, sobre alguns dos principais conflitos.

As 15 repúblicas que se formaram com o fim da URSS foram: Armênia, Azerbaijão, Belarus, Cazaquistão, Estônia, Geórgia, Letônia, Lituânia, Moldávia, Quirguistão, Rússia, Tadjiquistão, Turcomenistão, Ucrânia e Uzbequistão.

- Entre 1994 e 1996, os chechenos expulsaram as tropas russas enviadas para restabelecer a autoridade do país na Chechênia.
- Um acordo para encerrar os conflitos foi assinado em 1996, mas manteve indefinido o *status* de autonomia da Chechênia, o que dificultou a continuidade da paz na região.

- Em 1999, a Rússia atribuiu ao chechenos uma série de atentados ocorridos em Moscou. No mesmo ano, separatistas chechenos invadiram o Daguestão a fim de criar um Estado islâmico nessa região. A Rússia enviou tropas para o local e expulsou os rebeldes para a Chechênia.
- Em 2002, 50 rebeldes chechenos invadiram um teatro em Moscou e fizeram cerca de 800 reféns. A operação de resgate russa resultou na morte de todos os rebeldes e de 120 reféns.
- Em 2004, dias depois das suspeitas eleições para a presidência da Chechênia (que elegeram um candidato apoiado pela Rússia), rebeldes chechenos tomaram uma escola em Beslan, na Ossétia do Norte (Rússia). A operação russa resultou na morte de cerca de 400 pessoas – a maioria crianças.

Geórgia

Em 2008, o exército da Geórgia (república da ex-URSS) fez uma intervenção em sua região separatista da Ossétia do Sul (divisa com a Ossétia do Norte, região esta pertencente à Rússia).

O objetivo era impedir a evolução do processo de independência dessa região, cuja autonomia é limitada desde o fim da URSS e onde a etnia ossetiana é maioria enquanto os georgianos correspondem a menos de um terço da população total das Ossétias.

Rapidamente, o exército russo (país que tem algumas divergências históricas com a Geórgia, inclusive em virtude da aproximação desta com o mundo ocidental, como a pretensão de ser membro da Otan) invadiu o território georgiano, causando outro grave incidente internacional na região.

No mesmo ano, a Rússia anunciou o reconhecimento dos pedidos de independência da Ossétia do Sul e da Abecásia (outra região separatista dentro da Geórgia). Nenhum outro país acompanhou a Rússia nessa decisão. Apesar dos protestos do governo georgiano, a Rússia mantém até os dias atuais um contingente de tropas nas repúblicas separatistas georgianas, embora já tenha se retirado dos demais territórios ocupados.



Atividades

1. Qual é o *status* territorial da Chechênia?

2. Diferencie os conflitos da Chechênia e os da Ossétia do Sul com base na análise da questão étnica e geográfica.

A questão da Crimeia e o conflito na Ucrânia

Originalmente, a península da Crimeia, situada no Mar Negro, era habitada pelos tártaros (grupo étnico turco-otomano). O governo de Joseph Stalin, entre a década de 1920 e início de 1950, alterou a composição demográfica da região expulsando os tártaros e os dispersando para outros territórios, ao mesmo tempo que foram instalados grandes contingentes de russos (russificação).

Assim, desde que a Ucrânia se tornou independente da URSS, em 1991, a população de origem russa integrada ao novo país, majoritária na Crimeia (bem como em toda a porção oriental), ainda almeja seu projeto nacional de voltar a pertencer à Rússia.



Em 2013, a decisão do então presidente ucraniano Viktor Yanukovich, mais alinhado à Rússia, de rejeitar um acordo que aprofundaria os laços com a União Europeia desencadeou uma onda de protestos na porção ocidental do país, que resultou em sua deposição.

A população de origem russa da porção oriental da Ucrânia, contudo, opôs-se à deposição de Yanukovich. Essa ação gerou uma onda separatista, agravando a tensão.

Em meio à crise, a população da Crimeia organizou um referendo popular em março de 2014, no qual 96% dos votos aprovavam a independência da península em relação à Ucrânia, apesar dos protestos desta e de a comunidade internacional estar sob influência ocidental. No mesmo ano, a Assembleia Geral das Nações Unidas considerou inválido o referendo.

Contudo, o governo russo imediatamente reconheceu a independência da Crimeia, assinando com suas lideranças um tratado que formalizava a adesão do território à Rússia, embora isso não tenha sido reconhecido internacionalmente. Oficialmente, a Crimeia ainda pertence à Ucrânia.

O conflito na Ucrânia reflete um aspecto que transcende as questões nacionalistas: trata-se do controle territorial sobre uma das regiões mais estratégicas do Leste Europeu, especialmente no que se refere à questão energética, tendo em vista a expressiva infraestrutura instalada no país (refinarias, oleodutos e gasodutos que atravessam a Ucrânia, permitindo o abastecimento de boa parte da Europa com fontes energéticas russas).

Talvez a figura de maior destaque da Rússia pós-URSS tenha sido Vladimir Putin. Ele assumiu o poder como primeiro-ministro do presidente afastado Boris Yeltsin em 1999. Desde então, mantém-se como líder político do país, tendo sido eleito em 2000 e reeleito em 2004. Em 2008, como não podia concorrer a um terceiro mandato seguido, indicou e elegeu Dmitry Medvedev para a presidência, mas assumiu o cargo de primeiro-ministro e continuou comandando o país. Em 2012, novamente concorreu à presidência e voltou a ser eleito, mesmo havendo denúncias de fraude na votação.



A questão do narcotráfico

No mundo globalizado, outra fonte de tensões geopolíticas é a estruturação de redes internacionais de narcotráfico (tráfico de drogas ilícitas). Trata-se de um dos "setores" que mais geram dinheiro nas chamadas redes ilegais de poder, as quais se organizam de forma paralela e, muitas vezes, complementar e integrada ao sistema mundial legalmente reconhecido.

Há tempos, o tráfico ilícito se beneficiou de lacunas existentes nas estruturas formais de poder. Na atualidade, com todas as facilidades e ferramentas técnicas do mundo globalizado, opera internacionalmente redes complexas, negociando armas, pessoas, animais e plantas (biopirataria), entre outros. Em geral, as estruturas de poder que controlam essas redes comandam também o tráfico de drogas. Duas das principais drogas ilícitas, a cocaína e a heroína, passam por uma teia internacional de rotas do narcotráfico, conforme pode ser observado no mapa a seguir.



Fonte: WIRED. *Organized Crime: The World's Largest Social Network*. Disponível em: <http://www.wired.com/2011/01/ri_orgchart_crime/>. Acesso em: 1 out. 2015. Adaptação.

O narcotráfico internacional envolve distintas etapas comumente praticadas e controladas por grupos diferentes:

- plantio de matérias-primas e produção;
- transporte até as regiões consumidoras;
- lavagem do dinheiro envolvido, por meio de fluxos financeiros diversos que se conectam à economia formal;
- revenda.

Existem diversos tipos de droga, os quais, em geral, são produzidos ilícitamente em países mais pobres. Também há países onde a participação na fabricação das drogas se dá com o uso de laboratórios.

Além disso, o narcotráfico está diretamente associado à presença de milícias armadas em alguns casos, seja por atuarem na manutenção do controle sobre as atividades ilícitas, seja por financiarem guerrilhas com outros objetivos por meio do tráfico de drogas.

Na guerra civil da Colômbia, por exemplo, a atuação das **Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Farc**, de outras milícias paramilitares e, segundo denúncias, até de grupos ligados ao governo financias suas atividades por meio do narcotráfico. A Colômbia foi espaço de atuação de alguns dos maiores cartéis de tráfico de drogas do planeta, como o Cartel de Medellín, comandado por Pablo Escobar, que atingiu seu apogeu nesse mercado ilícito nas décadas de 1980 e 1990. Em outros países, como na Indonésia e nas Filipinas, há movimentos separatistas na disputa pelo controle dessas atividades.

Há uma agência das Nações Unidas que investiga e propõe soluções para a questão do narcotráfico internacional. Trata-se do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC, conforme a sigla em inglês). Confira alguns dados retirados dos relatórios anuais do UNODC:

- o tráfico de drogas movimentou, em 2012, o montante de 320 bilhões de dólares;
- cerca de 243 milhões de pessoas no mundo são usuários de drogas ilícitas; 27 milhões são dependentes ou apresentam distúrbios ligados às drogas; somente em 2012, mais de 200 mil pessoas morreram em decorrência disso;

As **Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Farc** foram fundadas em 1964 por rebeldes de orientação política de esquerda. Envolveram-se com o tráfico de drogas para financiar suas ações (ataques, sequestros e atentados com bombas, por exemplo). No auge de suas atividades, chegaram a controlar praticamente 40% do território nacional, mas nos últimos anos sofreram diversos reveses e passaram a realizar acordos com o governo colombiano.



Fonte: THE WASHINGTON POST. *Far war-weary rebels, Colombia invites defections with comforts and kindness*. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/the_americas/far-war-weary-rebels-colombia-invites-defections-with-comforts-and-kindness/2014/06/12/8f0643ca-35a3-419e-b5c1-ce95aa93c97e_story.html>. Acesso em: 2 set. 2015. Adaptação.

- o Brasil, nos últimos anos, figura como o segundo maior consumidor de cocaína do planeta, atrás apenas dos Estados Unidos;
- entre 2009 e 2013, o número de novas drogas disponíveis no mercado dobrou.

A geopolítica da solidariedade: o papel das novas redes sociais na busca de alternativas

Atualmente, existem diversos projetos em redes internacionais que se dedicam à busca de soluções para problemas enfrentados por vários países. A globalização também viabiliza a expansão das experiências de solidariedade entre os povos.

Por meio da internet, são promovidas iniciativas que representam ações positivas dos pontos de vista social, ambiental e político. Nos últimos anos, algumas plataformas de *crowdfunding* (financiamento coletivo) viabilizaram importantes projetos socioambientais e culturais, por exemplo, conforme você pode verificar a seguir.

- **Kickstarter** – lançada em 2009 por três estadunidenses, trata-se de uma plataforma cuja proposta é apoiar iniciativas inovadoras em diversas categorias (artes, música, tecnologia, jornalismo, alimentação, entre outras). A estratégia é viabilizar o financiamento dessas categorias coletivamente por qualquer usuário interessado. A ideia foi tão bem-sucedida que, em 2014, a empresa anunciou ter superado a marca de 1 bilhão de dólares em doações a projetos diversos com mais de 5 milhões de doadores espalhados por quase todos os países do mundo, destacando-se diversas *startups*.

[...] Muitas pessoas dizem que qualquer pequena empresa em seu período inicial pode ser considerada uma *startup*. Outros defendem que uma *startup* é uma empresa com custos de manutenção muito baixos, mas que consegue crescer rapidamente e gerar lucros cada vez maiores. Mas há uma definição mais atual, que parece satisfazer a diversos especialistas e investidores: uma *startup* é um grupo de pessoas à procura de um modelo de negócios repetível e escalável, trabalhando em condições de extrema incerteza. [...]

O QUE é uma *startup*? Exame. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/pme/noticias/o-que-e-uma-startup>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

- **Changemakers** – são redes de apoio a pessoas ou organizações que se dedicam à mudança de suas realidades e ao enfrentamento de problemas locais variados. Por meio da tecnologia e da comunicação, a rede possibilita que o agente de mudança estabeleça um plano concreto de ações, contando com o apoio de diversos outros atores conectados à rede, a fim de viabilizar os projetos a serem implementados localmente. A rede existe basicamente para promover a cooperação e a solidariedade entre os membros, visando à busca de soluções inovadoras para problemas diversos que os afetam. A plataforma oferece desafios para os projetos, e os empreendedores que propuserem soluções inovadoras podem receber financiamento ou ganhar prêmios.



Atividades

- 1 Com a orientação de seu professor, elabore um plano para a criação de uma *startup*. Defina seus objetivos, a forma de ação no bairro, na cidade ou na unidade da Federação onde você mora. Para tanto, identifique um ou mais problemas existentes. Lembre-se de levantar os custos aproximados da manutenção dessa *startup*, o que facilita a arrecadação de fundos junto a *crowdfundings*.



Refugiados de Biafra - Nigéria, em 1968

Goussens/AF/Proca

Há outras formas de mobilização solidária internacional que se multiplicam na atualidade e não estão diretamente ligadas à internet. Muitas delas se dedicam a prestar auxílio a comunidades onde existe pouca eficiência dos serviços públicos disponíveis. São redes que atuam em áreas como resgate social, acesso à água potável, combate à fome, entre outras questões fundamentais para o bem-estar socioambiental.

Um exemplo é a organização Médicos Sem Fronteiras (MSF). Foi criada em 1971 por meio da iniciativa de alguns profissionais de saúde e jornalistas franceses que haviam atuado como voluntários na Guerra de Biafra (ocorrida entre 1967 e 1970, quando a Nigéria sufocou o separatismo da região de Biafra, isolando-a e provocando uma das maiores tragédias humanitárias da segunda metade do século XX).

Contando atualmente com mais de 34 mil voluntários de diferentes áreas e diversas nacionalidades, sendo boa parte profissionais de saúde, e atuando em mais de 70 países, a MSF sustenta-se majoritariamente por meio de doações vindas de indivíduos e da iniciativa privada internacional. Os principais locais de atuação são regiões afetadas por conflitos armados, epidemias, desastres naturais, desnutrição e exclusão de acesso à saúde.

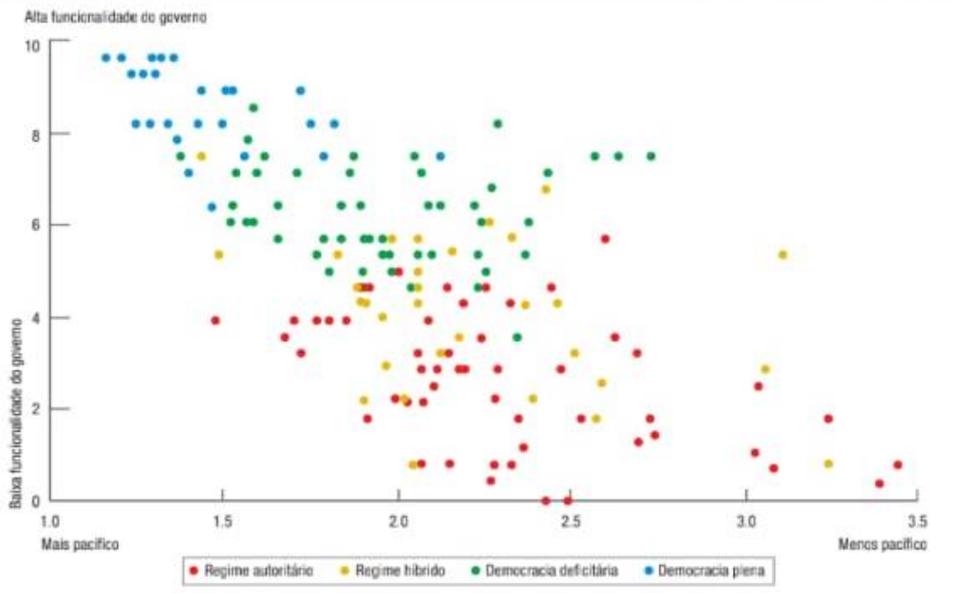
Caminhos para a paz

Não há receitas para chegar à paz mundial, mas os caminhos certamente apontam para o respeito a determinados aspectos, como a consolidação de democracias efetivas. Observe a ilustração a seguir, que relaciona a **boa funcionalidade governamental** com os tipos de regimes de governo. Perceba que o mais pacífico regime autoritário é menos pacífico que uma nação democrática plena (e que esta, por sua vez, apresenta uma boa funcionalidade governamental).

A boa funcionalidade governamental diz respeito à efetividade de um governo, ou seja, sua capacidade de lidar com as atividades pelas quais é responsável, além de respeitar as leis. Também desenvolve um alinhamento com os cidadãos e possibilita sua participação efetiva nas tomadas de decisões.



Regimes de governo e funcionalidade governamental



Fonte: INSTITUTE FOR ECONOMICS & PEACE. *Pillars of peace*, p. 11. Disponível em: <<http://economicsandpeace.org/wp-content/uploads/2015/06/Pillars-of-Peace-Report-IEP2.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

Para uma sociedade mais justa e igualitária e uma boa funcionalidade governamental, alguns valores são imprescindíveis, e nosso papel como cidadãos, nesse sentido, relaciona-se a uma ação diária e sempre proativa, agindo e cobrando ações do próximo e dos poderes públicos competentes.



Fonte: INSTITUTE FOR ECONOMICS & PEACE. *Pillars of peace*, p. 4. Disponível em: <<http://economicsandpeace.org/wp-content/uploads/2015/06/Pillars-of-Peace-Report-IEP2.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

Os pilares da paz, de acordo com a ONG Institute for Economics & Peace



Organize as ideias

Organize o quadro completando-o com informações que sintetizam alguns dos mais relevantes conflitos geopolíticos.

Local do conflito	Principais grupos ou países envolvidos direta ou indiretamente	Principais características do conflito
		Ocupação do território sob a alegação de que o país continha terroristas da Al Qaeda e produzia armas químicas.
	Taliban/EUA/Otan	
Ucrânia		
	Estado Islâmico	



1. Quais são as principais diferenças entre as formas de atuação da Al Qaeda e do Estado islâmico?
2. Por quais motivos o conflito na Ucrânia não se restringe a uma questão nacionalista interna e afeta também a geopolítica europeia e mundial?
3. O separatismo checheno pode ser relacionado:
 - a) ao fato de que essa república era independente até o final da Guerra Fria, quando foi incorporada pela Rússia.
 - b) às perseguições religiosas sofridas pelos chechenos, cuja maioria é de cristãos ortodoxos.
 - c) à pobreza e ao atraso econômico da Rússia Meridional – uma região totalmente desprovida de quaisquer recursos energéticos.
 - d) às rivalidades latentes entre socialistas e capitalistas, que ainda se fazem presentes em diversas repúblicas da extinta URSS.
 - e) à instabilidade nacional da antiga URSS, herda da pela atual Rússia, onde ainda há diversas nações submetidas ao domínio russo, que lutam por autonomia.
4. (FUVEST – SP)

O grupo Boko Haram, autor do sequestro, em abril de 2014, de mais de duzentas estudantes, que, posteriormente, segundo os líderes do grupo, seriam vendidas, nasceu de uma seita que atraiu seguidores com um discurso crítico em relação ao regime local. Pregando um islã radical e rigoroso, Mohammed Yusuf, um dos fundadores, acusava os valores ocidentais, instaurados pelos colonizadores britânicos, de serem a fonte de todos os males sofridos pelo país. Boko Haram significa “a educação ocidental é pecaminosa” em haussa, uma das línguas faladas no país.

www.cartacapital.com.br. Acessado em 13/05/2014. Adaptado.

O texto se refere:

- a) a uma dissidência da Al Qaeda no Iraque, que passou a atuar no país após a morte de Sadam Hussein.
 - b) a um grupo terrorista atuante nos Emirados Árabes, país economicamente mais dinâmico da região.
 - c) a uma seita religiosa sunita que atua no Sul da Líbia, em franca oposição aos xiitas.
 - d) a um grupo muçulmano extremista, atuante no Norte da Nigéria, região em que a maior parte da população vive na pobreza.
 - e) ao principal grupo religioso da Etiópia, ligado ao regime político dos tuaregues, que atua em toda a região do Saara.
5. (ESCS – DF)

A Polícia Federal apontou, recentemente, um elo entre uma facção criminosa brasileira e traficantes de origem libanesa ligados ao Hezbollah. Trata-se de mais um indício de que a globalização também é marcada pela atuação em rede, em âmbito mundial, do crime organizado. A própria ONU tem alertado para a adesão, em escala sem precedentes na história, de estrangeiros, especialmente jovens, a organizações terroristas. Entre essas organizações, destaca-se atualmente uma que prima pela violência de seus métodos, os quais incluem a decapitação das vítimas, com imagens gravadas e postas em circulação em todo o mundo. A referida organização atua principalmente na Síria e no Iraque e se autodenomina:

- a) Primavera Árabe.
- b) Al Qaeda.
- c) Estado Islâmico.
- d) Movimento Jihadista.